

Ir. Elvo Clemente

No próximo dia 5 de fevereiro, Bom Princípio/RS e o Rio Grande do Sul estarão em festa celebrando os 100 anos de nascimento de Dom Vicente Scherer, arcebispo e cardeal. A comissão central das celebrações presidida por Mons. Antonio D. Lorenzatto já estabeleceu vasto calendário, a começar pela Paróquia e pelo Município de Bom Princípio. Estão previstos os atos, no dia 5 de fevereiro: Missa solene, oficiada pelo arcebispo Dom Dadeus Grings; recepção festiva no Parque Municipal; inauguração do monumento; abertura do Memorial Dom Vicente; almoço festivo, passeio de trenzinho pela cidade, visita aos locais marcados pela vida do Cardeal Centenário.

O prefeito municipal Jacob Nestor Seibel e o pároco P. Leonardo Reichert se desvelam na preparação da abertura solene do centenário de Dom Vicente, nascido no distrito de Santa Teresinha no dia 5 de fevereiro de 1903, 12º filho da família de Pedro Scherer e de Ana Oppermann Scherer.

Desde adolescente resolveu seguir a vocação sacerdotal como outros dois irmãos. Concluiu os estudos eclesiais em Roma, sendo ordenado em 1926. Voltou para Porto Alegre, foi secretário particular do arcebispo Dom João Becker (bispo de Porto Alegre 1912 a 1946). Em 1930 seguiu como capelão militar os soldados gaúchos na Revolução de 1930. De retorno recebeu o título de cônego. Em 1947 foi sagrado arcebispo de Porto Alegre, cargo que exerceu até 1981. Por seus méritos apostólicos recebeu o título de Cardeal pelo Papa Paulo VI. Participou dos conclaves que elegeram João Paulo I e João Paulo II. Celebrar a vida apostólica do Cardeal Vicente Scherer significa programar durante todo ano de 2003 solenidades nos diversos setores beneficiados especialmente por ele. A Universidade Católica de que foi professor titular e chanceler. A Santa Casa que o teve como provedor e salvador a partir de 1981 até 1996. A voz do Pastor, suas falas das segundas-feiras; o clero, o seminário de Viamão a paróquia da Catedral.

Haverá homenagens especiais na PUCRS, pequena biografia, conferências; na Câmara Municipal, na Assembléia Legislativa, na Catedral.

Durante todo o ano centenário das dioceses, das paróquias, das famílias católicas do Rio Grande do Sul subirá um solene canto de ação de graças a Deus, pela vida e pela obra imensa do Cardeal Vicente Scherer centenário.

# Constituintes verbais como tópicos em Português Brasileiro

Ana Cláudia Pinto Bastos\*

"Partir eu parto...  
Mas essa música é mentira."  
Mário de Andrade

## 1 Introdução

Em português brasileiro (PB), há construções sintáticas caracterizadas pela ocorrência de duas instâncias do mesmo verbo na mesma sentença.<sup>1</sup> Um exemplo disso pode ser encontrado nos versos famosos de Mário de Andrade, repetidos aqui em (1).

### (1) Partir eu parto...

Como podemos ver, essa construção possui uma primeira instância verbal, que se encontra na forma infinitiva e está à esquerda na periferia sintática, e uma segunda instância, que se encontra na forma finita do verbo e está na posição regular dos verbos em português. O padrão geral para essas construções corresponde ao seguinte:

(2) Padrão geral:	verbo infinitivo	(...)	verbo finito
	partir	eu	parto

Em português brasileiro, as construções com duas instâncias verbais podem ser classificadas em três tipos, conforme mostram os exemplos abaixo:

\* UFPA.

A existência dessas construções em PB foi originalmente apontada por Ilari 1986, Castro 1994 e Koch 1997. Construções com duas instâncias verbais podem ser encontradas também em português europeu (Matos 1992) e em outras línguas, tais como russo (Abels 2000), vata e gbadi (Koopman 1984), japonês, coreano e iorubá (Nishiyama e Cho 1997), haitiano (Larson e Lefebvre 1991) e yiddish (Källgren e Prince 1989).

- (3) Tipo 1: apenas o verbo infinitivo à esquerda  
**Formatar**, o João formatou o disquete (e não a memória).
- (4) Tipo 2: verbo acompanhado de argumentos plenos à esquerda  
**Formatar o disquete**, o João formatou (mas...)
- (5) Tipo 3: verbo acompanhado de NPs nus à esquerda  
**Formatar disquete**, o João sempre formata antes de usar.

No Tipo 1 em (3), o verbo infinitivo está sozinho na periferia sintática e é separado do restante da sentença por uma "entonação de vírgula". No Tipo 2 em (4), o verbo está acompanhado de seus argumentos e a "entonação de vírgula" separa o constituinte verbal [formatar o disquete] do resto da sentença. No Tipo 3 em (5), temos, à esquerda, o verbo acompanhado de um NP nu. O termo NP nu está sendo utilizado no sentido de Saraiva (1997), que defende que, nesses casos, o NP é incorporado semântica e sintaticamente ao verbo, mas não morfologicamente. Os Tipos 2 e 3 disparam comportamentos distintos diante de ilhas sintáticas, o que justifica a subdivisão.<sup>2</sup>

O objetivo deste artigo é analisar os constituintes verbais à esquerda nos Tipos 1, 2 e 3 e demonstrar que, em português brasileiro, essas construções são casos de topicalização de constituintes verbais. Ao contrário de Bastos (2000a,b e 2001a), defendo que as construções com duas instâncias verbais em PB não são nem casos de clivagem de predicados, nem de focalização de constituintes verbais.

A fim de alcançar esse objetivo, discutirei na seção 2 o critério utilizado para distinguir entre tópico e foco em uma dada sentença; argumentarei basicamente que o estatuto semântico-pragmático do constituinte à esquerda é o critério mais relevante para essa distinção. Nas seções 3 a 6, apresentarei os resultados de testes aplicados para a identificação do estatuto do constituinte à esquerda e discuti-

<sup>2</sup> Tanto no Tipo 2 quanto no Tipo 3 os constituintes à esquerda podem figurar na periferia sintática da sentença matriz de uma construção sem ilha, mas diante de ilhas sintáticas, os resultados são diferentes.

(i) Configuração com oração relativa (ilha sintática)

Tipo 2: \*Formatar o disquete, eu conheço [o técnico que formatou (mas...)]

Tipo 3: Formatar disquete, eu conheço [um técnico que sempre formata antes de usar].

O Tipo 2 está sujeito a configurações de ilha, enquanto o Tipo 3 não está, conforme vemos em (i). Esse resultado levou-me à conclusão de que as construções do Tipo 2 são geradas por movimento e as construções do Tipo 3 não são.

Além da origem sintática por movimento ou na base, outros critérios foram utilizados na classificação das construções com duas instâncias verbais em PB, tais como: a categoria sintática do constituinte verbal à esquerda, a possibilidade de ter a proforma verbal *fazer isso* como resumptivo e o aspecto sentencial. Esses critérios não serão discutidos aqui por limitações de espaço. Para uma discussão detalhada, ver Bastos (2001b).

rei evidências potencialmente contrárias à hipótese de topicalização. Com base nesses resultados, concluirei que as construções com duas instâncias verbais em PB devem ser analisadas como casos de topicalização de constituintes verbais.

## 2 Tópico e foco: critérios distintivos

Um constituinte pode ser interpretado dentro de um determinado discurso como informação nova, não-suposta, ou como informação velha, pressuposta. O estatuto da informação é utilizado como critério na distinção entre topicalização e focalização de constituintes, especialmente, quando estes fenômenos envolvem a periferia sintática. Tomemos dois exemplos de Rizzi (1997:285) para clarificar esta distinção:

- (6) Your book, you should give t to Paul (not to Bill)  
 seu livro, você deve dar t para Paul (não para Bill)
- (7) YOUR BOOK, you should give t to Paul (not mine)  
 seu livro, você deve dar t para Paul (não o meu)

Apesar de muito semelhantes, as sentenças em (6) e (7) são bastante diferentes do ponto de vista de sua interpretação. Segundo Rizzi, a construção em inglês em (6) é um caso de Topicalização. O tópico é o elemento mais à esquerda, [your book], e está separado do resto da sentença por uma "entonação de vírgula"; esse elemento normalmente expressa informação velha, mas que, de algum modo, é útil e saliente no discurso. O comentário é uma sentença aberta, predicada do tópico e, normalmente, introduz informação nova. No caso da sentença em (6), a informação nova é contrastiva e está expressa pelo constituinte [to Paul] que está dentro do comentário.

Já na sentença em (7), o constituinte [your book], que está à esquerda, carrega o acento de foco e introduz informação nova; já a sentença aberta que segue o foco expressa contextualmente informação dada, conhecimento que o falante pressupõe ser compartilhado com o ouvinte.

Podemos explicitar estas relações do seguinte modo:

- (8) [<sub>TOPICO</sub> your book] [<sub>COMENTARIO</sub> you should give t to Paul] (not to Bill)  
 seu livro você deve dar t para Paul (não para Bill)
- (9) [<sub>FOCO</sub> YOUR BOOK] [<sub>PREMUPOSTA</sub> you should give t to Paul] (not mine)  
 seu livro você deve dar t para Paul (não o meu)

À luz dessa distinção entre tópico e foco nos casos em que esses fenômenos envolvem a periferia sintática, pode-se colocar a seguinte questão: em sentenças como as seguintes, em (10) abaixo, o constituinte verbal à esquerda corresponde à informação nova, focalizada, ou à informação pressuposta, topicalizada?

- (10) a. Tipo 1: [Vender] o João vendeu as sementes de girassol.  
 b. Tipo 2: [Vender as sementes de girassol] o João vendeu (mas...)  
 c. Tipo 3: [Vender semente] o João vende só no verão.

A fim de responder a esta questão, foram aplicados testes de pergunta e resposta, seguindo Zubizarreta (1998), que distingue foco apresentacional (*presentational focus*) de foco contrastivo (*contrastive focus*). Vejamos os resultados.

### 3 Testes específicos para foco apresentacional

Segundo Zubizarreta (1998), uma sentença como (11) abaixo, sem uma proeminência acentual específica, é ambígua quanto a sua Estrutura de Foco, isto é, quanto ao modo como se distribuem o foco e a pressuposição.

- (11) [John [ate [the pie]]]  
 'O João comeu a torta'

A fim de identificar o foco apresentacional de uma sentença como (11), Zubizarreta aplica testes de pergunta e resposta. Nos exemplos abaixo adaptados de Zubizarreta (1998: 3), o elemento que corresponde ao foco apresentacional é marcado com o diacrítico F<sup>3</sup> e recebe o acento segundo a Regra de Acento Nuclear (*Nuclear Stress Rule*).

- (12) a. QC: What happened? 'O que aconteceu?'  
 b. [<sub>F</sub> John ate the pie]. 'O João comeu a torta'
- (13) a. QC: What did John do? 'O que o João fez?'  
 b. John [<sub>F</sub> ate the pie]. 'O João comeu a torta'
- (14) a. QC: What did John do with the pie? 'O que o João fez com a torta?'  
 b. John [<sub>F</sub> ate] the pie. 'O João comeu a torta'

Esses exemplos mostram que, através da utilização de testes de pergunta e resposta, é possível identificar o foco apresentacional da sentença *John ate the pie*. O foco apresentacional é a parte na resposta que substitui o elemento interrogativo da questão contextualizadora (QC). Em (12a), temos a QC que introduz os casos em que o foco

recai sobre toda a sentença. Em (13a), temos a QC que introduz os casos em que o foco recai sobre o verbo e seus argumentos internos. Finalmente, em (14a), temos a QC que introduz os casos em que o foco recai apenas sobre o verbo.

As sentenças acima são exemplos de foco apresentacional *in situ*. A título de exemplo, vamos ver dois casos de sentenças com focalização de DPs à esquerda em português.

- (15) Foco à esquerda  
 a. QC: O que o João vendeu?  
 b. [<sub>F</sub> As sementes de girassol] ele vendeu.

- (16) Clivagem  
 a. QC: O que o João vendeu?  
 b. Foram/ Foi [<sub>F</sub> as sementes de girassol] que ele vendeu.

Os exemplos em (15) e (16) mostram que esses testes de pergunta e resposta são igualmente eficazes para a identificação de foco apresentacional quando o elemento focalizado está na periferia sintática ou quando a sentença é clivada. Vamos verificar, então, como se comportam as construções com duas instâncias verbais em português quando aplicamos testes semelhantes a esses.

Tomemos como ponto de partida a QC em (17) que contextualiza os casos em que o foco recai sobre toda a sentença.

- (17) QC: O que aconteceu?

Se nas construções com duas instâncias verbais em português, o foco recai sobre toda a sentença, então essas construções devem aceitar uma QC como (17) como contexto lingüístico adequado. Ao contrário, se nessas construções o foco não recai sobre toda a sentença, então elas não devem aceitar a QC como (17) como contexto lingüístico adequado. Consideremos alguns exemplos:<sup>4</sup>

- (18) a. QC: O que aconteceu?  
 b. Tipo 1: # [Vender] o João vendeu as sementes de girassol.
- (19) a. QC: O que aconteceu?  
 b. Tipo 2: # [Vender as sementes de girassol] o João vendeu (mas...)
- (20) a. QC: O que aconteceu?  
 b. Tipo 3: # [Vender semente] o João vendeu no verão passado.

A inadequação das respostas em (18b), (19b) e (20b) à QC indica que o foco dessas construções não recai sobre toda a sentença.

<sup>3</sup> Reservarei o uso de letras maiúsculas para os casos de foco contrastivo, seguindo Zubizarreta (1998).

<sup>4</sup> O "#" significa que a sentença não é uma resposta adequada para a QC que a introduz, embora possa ser aceitável em outro contexto.

Consideremos agora os seguintes casos:

- (21) a. QC: O que o João fez com as sementes de girassol?  
b. Ele [<sub>r</sub> vendeu] as sementes de girassol
- (22) a. QC: O que o João fez?  
b. Ele [<sub>r</sub> vendeu as sementes de girassol]

A pergunta em (21a) é um contexto adequado para os casos em que o foco recai apenas sobre o verbo e (22a) é um contexto adequado para as sentenças em que o foco recai sobre o verbo e seus argumentos internos. Ao aplicar testes usando essas QCs, podem ser feitas as seguintes previsões. Se os constituintes verbais à esquerda nas construções com duas instâncias verbais correspondem ao foco apresentacional, então as QCs em (21a) e (22a) devem funcionar como contextos adequados para essas construções; se os constituintes verbais à esquerda não correspondem ao foco apresentacional, então as QCs em (21a) e (22a) não devem funcionar como contextos adequados para esses casos. Os resultados obtidos são os seguintes:

- (23) a. QC: O que o João fez com as sementes de girassol?  
b. Tipo 1: # [Vender] ele vendeu as sementes de girassol.
- (24) a. QC: O que o João fez?  
b. Tipo 2: # [Vender as sementes de girassol] ele vendeu (mas...)
- (25) a. QC: O que o João faz?  
b. Tipo 3: # [Vender semente] ele vende no verão.

Como vimos nos testes acima, a pergunta que contextualiza os casos em que o foco recai apenas sobre o verbo não funciona como um contexto adequado para as construções do Tipo 1, e a pergunta que contextualiza os casos em que o foco recai sobre o verbo e seus argumentos internos não funciona como um contexto adequado para as construções do Tipo 2, nem para as construções do Tipo 3.

Esses resultados seguramente descartam as seguintes possibilidades: a) que o verbo à esquerda em construções do Tipo 1 corresponda ao foco apresentacional da sentença e b) que os constituintes verbais à esquerda em construções dos Tipos 2 e 3 correspondam ao foco apresentacional da sentença. Em resumo, os resultados dos testes aplicados até aqui fornecem evidência favorável à proposta de que essas construções devam ser analisadas como topicalização de constituintes verbais e não como focalização de constituintes verbais.

#### 4 Testes específicos para foco contrastivo

O teste utilizado para a identificação do foco contrastivo (*contrastive focus*) é também um teste de pergunta e resposta; nesse caso, o foco contrastivo é a parte na resposta (destacado em caixa alta) que substitui o elemento focalizado (destacado em itálico) da questão contextualizadora (QC). Os exemplos abaixo contêm casos de focalização de verbo ou constituinte verbal *in situ*.

- (26) a. QC: O João *alugou* a casa?  
b. Não. Ele VENDEU a casa.
- (27) a. QC: O João *alugou a casa*?  
b. Não. Ele VENDEU O APARTAMENTO.
- (28) a. QC: O João *aluga apartamento*?  
b. Não. Ele VENDE CASA.

Segundo Zubizarreta (1998), esse tipo de foco tem dois efeitos: a) nega um valor anteriormente estabelecido e b) introduz um novo valor alternativo na resposta. Nos exemplos acima, as QCs possuem valores já definidos para os constituintes [*alugou*], [*alugou a casa*] e [*aluga casa*], respectivamente em (26a), (27a) e (28a). O foco contrastivo das sentenças em (26b), (27b) e (28b) introduz um valor alternativo que é, respectivamente, igual a [*vendeu*], [*vendeu o apartamento*] e [*vende casa*].

Antes de aplicarmos os testes às construções com duplicação verbal em português, cabe mostrar que esses testes são adequados para os outros casos de focalização contrastiva, além da focalização *in situ*. A título de exemplo, vejamos dois tipos de focalização de DPs.

- (29) Foco à esquerda  
a. QC: O João vendeu *a casa*?  
b. Não. O APARTAMENTO, ele vendeu.
- (30) Clivagem  
a. QC: O João vendeu *a casa*?  
b. Não. Foi O APARTAMENTO que ele vendeu.

Vejamos agora a aplicação desses testes às construções com duas instâncias verbais em português.

- (31) a. QC: O João *alugou* a casa?  
b. Tipo 1: # Vender, ele vendeu a casa.

O par em (31) mostra que a pergunta que contextualiza as sentenças com focalização do verbo não é um contexto adequado para as construções do Tipo 1, em que o verbo figura sozinho na periferia sintática. Quanto às construções dos Tipos 2 e 3, os resultados são semelhantes. As perguntas que contextualizam os casos em que o foco contrastivo corresponde ao verbo e seus argumentos internos não funciona como um contexto adequado para as construções do Tipo 2, nem para as construções do Tipo 3.

- (32) a. QC: O João alugou a casa?  
b. Tipo 2: Não. # Vender o apartamento, ele vendeu.
- (33) a. QC: O João aluga apartamento?  
b. Tipo 3: Não. # Vender casa, ele vende.

Os resultados acima seguramente descartam, portanto, a possibilidade de o verbo à esquerda em construções do Tipo 1 corresponder ao foco contrastivo da sentença e de os constituintes verbais à esquerda em construções dos Tipos 2 e 3 corresponderem ao foco contrastivo da sentença. Em resumo, essa seção mostrou que os verbos e constituintes verbais à esquerda também não correspondem ao foco contrastivo das construções com duas instâncias verbais em português.

## 5 Presença de elementos focalizados fora da periferia sintática

Outra evidência em favor da hipótese de topicalização dos verbos e constituintes verbais à esquerda é a possibilidade de termos, fora da periferia sintática, elementos focalizados contrastivamente. Essa possibilidade é real para os três tipos de construções com duas instâncias verbais em PB.

- (34) Tipo 1:  
a. QC: O João vendeu a casa?  
b. Vender, ele vendeu O APARTAMENTO, e não a casa.
- (35) Tipo 2:  
a. QC: O Pedro vendeu a casa?  
b. Vender a casa, (foi) O JOÃO (que) vendeu, e não o Pedro.
- (36) Tipo 3:  
a. QC: O João aluga casa nos fins de semana?  
b. Alugar casa, ele aluga NAS FÉRIAS, e não nos fins de semana.

Nos três tipos de construções com duas instâncias verbais em PB, pode-se encontrar, fora da periferia sintática, constituintes focalizados contrastivamente.<sup>5</sup> Assumindo com Zubizarreta (1998) que há apenas um foco por sentença, a possibilidade de termos fora da periferia sintática elementos focalizados descarta a possibilidade de os verbos e constituintes verbais à esquerda corresponderem ao foco. Assim, temos mais uma evidência em favor da hipótese de topicalização de constituintes verbais em PB.

## 6 Efeito de contrastividade

O efeito de contrastividade refere-se à leitura "contrastiva" particular que recebem as orações coordenadas que podem seguir as construções com topicalização de constituintes verbais, em especial, as construções do Tipo 2. Nesta seção, pretendo explicitar qual a diferença entre esse efeito de contrastividade e os casos de focalização contrastiva. Vamos tomar os seguintes exemplos.

- (37) Focalização contrastiva do verbo  
O João COMPROU essas rosas, e não roubou.
- (38) Tipo 2 de topicalização de constituintes verbais  
Comprar as rosas, o João comprou, mas não arrumou no vaso.

Nos dois casos, temos, em negrito, orações coordenadas que possuem algum tipo de contrastividade. Em (37), temos um caso de focalização contrastiva *in situ* mediante proeminência entonacional e, em (38), temos um caso de topicalização de constituintes verbais.

Quando atentamos para a relação semântica entre os elementos [comprar] e [roubar] em (37), vemos que uma atividade exclui a outra; isto é, se consideramos o mesmo conjunto de rosas x e o mesmo sujeito y em um mesmo tempo T, a afirmação de que y comprou x exclui a possibilidade de que y roubou x. Este é um caso clássico de foco contrastivo e vou tomá-lo como padrão de contraste.

<sup>5</sup> Alguns informantes aceitam também foco apresentacional fora da periferia sintática, como podemos ver abaixo.

- (i) Tipo 1: QC: Quem o João ama?  
Amar, ele ama [a Maria].
- (ii) Tipo 2: QC: Quem vendeu a casa?  
Vender a casa, (foi) o João (que) vendeu.
- (iii) Tipo 3: QC: Quem vende casa?  
Vender casa, (é) o João (que) vende.

Quando atentamos para a relação semântica entre os constituintes [*comprar as flores*] e [*arrumar no vaso*] em (38), vemos que, neste caso, a ocorrência de uma atividade não exclui a outra; pelo contrário, as duas atividades não só podem coexistir, como compõem naturalmente um conjunto de atividades sucessivas, isto é, quem adquire flores, de um modo geral, coloca-as em vasos. Uma vez que a atividade da oração coordenada adversativa não contrasta e nem se opõe diretamente à atividade na primeira oração coordenada, não é adequado dizer que elas são contrastivas, no sentido de contraste padrão, considerado há pouco.

A distinção apresentada acima entre contraste padrão e este outro tipo de contraste pode ser clarificada quando tomamos pares de pergunta e resposta.

- (39) a. QC: O João **comprou ou roubou** essas rosas?  
b. O João **COMPROU** essas rosas, e **não roubou**.

Conforme apontado por Zubizarreta (1998: cap.1, nota 4), um dos contextos que pode introduzir foco contrastivo envolve uma disjunção exclusiva, como no exemplo acima\*. Em (39a), a QC possui uma disjunção entre  $pWq$  (leia-se p-ou-q), onde p= [*comprou*] e q= [*roubou*]. É importante notar que a conjunção entre  $p&q$  em (40a), por exemplo, não é uma questão contextualizadora adequada para uma resposta que contenha foco contrastivo:

- (40) a. QC: O João **comprou e roubou** essas rosas?  
b. # O João **COMPROU** essas rosas, e **não roubou**.

No caso da topicalização de constituintes verbais em português, temos o inverso. A QC adequada contém uma conjunção e não uma disjunção exclusiva:

- (41) a. QC: O João **comprou as rosas e arrumou no vaso**?  
b. Comprar as rosas, o João **comprou, mas não arrumou no vaso**.  
(42) a. QC: O João **comprou as rosas ou arrumou no vaso**?  
b. # **Comprar as rosas, o João comprou, mas não arrumou no vaso**.

\* Zubizarreta (1998) utiliza o exemplo abaixo para demonstrar que o foco contrastivo não está necessariamente relacionado à informação nova, sendo a distinção entre informação pressuposta e não-pressuposta, portanto, mais adequada para estes casos:

A: Did John eat a hamburger or did John eat a hot dog?  
B: He ate a HAMBURGUER.

Os exemplos (41) e (42) mostram que os contextos para focalização contrastiva e topicalização de constituintes verbais são distintos. Tomando isso como ponto de partida, podemos finalmente explicitar qual a diferença entre esses dois tipos de contrastividade.

Como vimos na seção 4, Zubizarreta (1998) afirma que o foco contrastivo tem dois efeitos: a) nega um valor anteriormente estabelecido e b) introduz um novo valor alternativo na resposta. Esse é o caso, por exemplo, de (43).

- (43) a. QC: O João *roubou* essas rosas?  
b. O João **COMPROU** essas rosas, e **não roubou**.

O valor [*roubou*] introduzido pela pergunta é substituído por [*comprou*] na resposta e a oração coordenada adversativa [*e não roubou*], que segue a oração com focalização contrastiva, possui a negação do valor que foi introduzido pela pergunta.

No caso da construção com duas instâncias verbais, a oração coordenada adversativa possui a negação de [*arrumou no vaso*], conforme vemos abaixo:

- (44) a. QC: O João *comprou as rosas e arrumou no vaso*?  
b. Comprar as rosas, o João **comprou, mas não arrumou no vaso**.

Nesse caso, a QC em (44a) introduz no contexto lingüístico uma conjunção  $p&q$ , onde p=[*comprou as rosas*] e q= [*arrumou no vaso*]. Em (44b), o constituinte [*comprar as rosas*] está topicalizado, o que lhe garante o estatuto de informação pressuposta, e o comentário [*o João comprou*] é um predicado afirmativo com relação ao evento pressuposto; na oração coordenada adversativa, temos um constituinte negativo [*não arrumou no vaso*]. O efeito de contrastividade da adversativa é gerado por oposição ao contexto lingüístico, isto é, o constituinte negativo da coordenada opõe-se ao valor afirmativo de q, introduzido pela QC. A conclusão a que se chega com base nesses fatos é que não há uma relação de oposição direta entre [*não arrumar no vaso*] e [*comprar as flores*]. Trata-se de um tipo totalmente diferente de contrastividade.

## 7 Conclusão

Os resultados apresentados nas seções precedentes descartam a possibilidade de os constituintes verbais na periferia esquerda corresponderem ao foco sentencial. O primeiro tipo de evidência examinada mostrou que esses constituintes não possuem as mes-

mas propriedades que os elementos focalizados, uma vez que não podem ser introduzidos pelos mesmos contextos adequados a outros casos de focalização em português. Outro tipo de evidência examinada mostrou que, fora da periferia sintática, é possível ter um constituinte focalizado em todos os três tipos de construções com duas instâncias verbais. Foram examinados também casos em que as construções com duas instâncias verbais, especialmente as do Tipo 2, produzem um efeito de contrastividade e concluiu-se, com base nos testes realizados, que esse tipo de contrastividade é substancialmente diferente dos casos de foco contrastivo.

Uma vez que os constituintes verbais à esquerda nessas construções não possuem o estatuto de informação nova ou de informação nova contrastiva, parece ser mais adequado analisá-los como constituintes topicalizados. De fato, eles se enquadram na descrição de Rizzi (1997) para tópico, já apresentada anteriormente: eles expressam informação velha e estão separados do resto da sentença por uma "entonação de vírgula"; além disso, o resto da sentença (o comentário) introduz a informação nova.

### Referências

- ABELS, K. (2000) *Multiple Copies Meet Russian Predicate Clefts*. Ms., University of Connecticut, Storrs.
- BASTOS, A. C. (2000a) Clivagem de predicados em língua portuguesa. Painele apresentado no XV Seminário Nacional da ANPOLL, Niterói, UFF.
- . (2000b) Clivagem de Predicados: diferentes estratégias em Língua Portuguesa. Trabalho apresentado na XVIII Jornada de Estudos Lingüísticos do Nordeste. Salvador, UFBA.
- . (2001a) Cópias verbais não-idênticas? *Estudos Lingüísticos*, publicado em CD-ROM. Assis, UNESP.
- . (2001b) *Fazer, eu faço! Topicalização de constituintes verbais em português brasileiro*. Campinas, UNICAMP. (Dissertação de mestrado).
- CASTRO, V. S. (1994) Um caso de repetição no português. *Cadernos de estudos lingüísticos*, 27: 85-101, Campinas.
- ILARI, R. (1986) *Perspectiva funcional da frase portuguesa*. Campinas, Ed. Unicamp.
- KÄLLGREN, G. e PRINCE, E. (1989) Swedish VP-Topicalization and Yiddish Verb-Topicalization. *Nordic Journal of Linguistics* 12, 47-58.
- KOCH, I. G. V. (1997) *O texto e a construção dos sentidos*. São Paulo, Contexto.
- KOOPMAN, H. (1984) *The Syntax of Verbs*. Dordrecht, Foris Publications.

LARSON, R. e LEFEBVRE, C. (1991) Predicate Clefting in Haitian Creole. *NELS* 21, 247-261.

MATOS, M. G. (1992) *Construções de elipse do predicado em português*. Tese de doutorado, Universidade de Lisboa, Lisboa.

NISHIYAMA, K. e CHO, E. (1997) Predicate Cleft Constructions in Japanese and Korean: The Role of Dummy Verbs in TP/VP-Preposing. *Japanese/Korean Linguistics*. Stanford, CSLI Publications.

PRINCE, E. F. (1981). Topicalization, focus movement and Yiddish-movement. *Berkeley Linguistics Society*, 249-264.

RIZZI, L. (1997) The fine structures of left periphery. In L. Haegeman (ed.) *Elements of Grammar* 281-337. Kluwer Academic Publishers.

SARAIVA, M. E. F. (1997) "Buscar menino no colégio": a questão do objeto incorporado em Português. Campinas, Pontes.

ZUBIZARRETA, M. L. (1998) *Prosody, Focus and Word Order*. Massachusetts: MIT Press.